O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro (AVENÇADO)

ANO 44.º — N.º 2203

Sábado, 14 de Julho de 1951

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Comb. da G. Guerra — Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Porto *Agência Havas*

Ser coerente é condição essencial que se impõe a quem respeita a Verdade, atende a Justiça e acompanha a Razão em todas as manifestações individuais ou colectivas.

A chicana avilta, desmoralisa, diminue. Só se serve dela quem não tem outra maneira de se defender dos erros e abusos praticados.

A NOSSA POLÍTICA

ONTEM, HOJE E SEMPRE:

PELA REPÚBLICA! POR PORTUGAL!

Este jornal é dos poucos ainda existentes na província que denodamente combateram a monarquia. Abriu, porém, os braços a todos os portugueses vindos para a República e que dessem provas do seu patriotismo, lealdade e honestidade, perdoando, até, inclusivamente, os agravos recebidos de alguns adversários da véspera. Mas quando viu infiltrarem-se nos partidos e assumirem lugares de comando e de destaque indivíduos que só a desacreditavam, desprestigiando-a pela maneira como se conduziam, pôz a descoberto as suas imoralidades, as suas mazelas, e acompanhou o Exército na intervenção que lhe era solicitada, quase exigida, para pôr côbro a tantos desmandos, tantas vergonhas, tantas desordens—tantos crimes.

E o país há 25 anos que tem vivido sem convulsões políticas. Não há dúvida. Mas começaram a registar-se, outra vez, como antigamente, faltas, erros, desmandos, atitudes que vão contra o modo de agir dos nacionalistas sinceros, como temos demonstrado ser desde a primeira hora e que o sr. Almirante Quintão Meireles, candidato em oposição ao sr. General Craveiro Lopes, regista no seu manifesto ao país, dizendo textualmente, ao agradecer o convite que o determinou a aceitar a candidatura:

. . . .

Tendo-se batido de armas na mão contra uma situação política denominada «de facto» por **um partido único** e gozado o seu triunfo, animados por ideais e propósitos de pacificação da familia portuguesa, **ideais e propósitos que condenavam a violência e o despotismo, que se opunham aos privilégios de uma minoria gananciosa e contra os direitos de uma maioria explorada,** que perseguiam a imoralidade e a mentira na administração pública, que procuravam reduzir a carência económica da maior parte da população—vieram a encontrar-se perante o domínio «de direito» de outro partido único, único, instalado sobre o seu triunfo, partido que, passados alguns anos, gasto e usado pelo livre arbítrio e intenções totalitárias, pela supressão de todas as liberdades políticas, pela irresponsabilidade efectiva, pelo enriquecimento rápido e imoderado de muitos dos seus marechais, se fazia infalível, intangível e ultrapassava, como situação política exclusiva, de uma minoria, todos os limites alcançados e condenados na situação anterior.

E porque se mantiveram fiéis aos princípios e programa por que se haviam batido, porque em vários passos não concordaram com o rumo que as coisas iam tomando, porque se opuseram à tirania insistente do poder discricionário, porque denunciaram e verberaram desmandos de administração e de distribuições injustificáveis de benesses que feriam a sua consciência de combatentes e fundadores, porque procuraram deter a corrupção que alastrava—foram perseguidos, caluniados, batidos e eliminados em sucessivas depurações negativas.

E o sr. Almirante Quintão Meireles, exclama:

. . . .

O País está espiritual, moral e politicamente mais doente do que estava em Abril de 1925, antes do Movimento de 28 de Maio. E não são o restabelecimento financeiro, que em boa hora se operou, nem as realizações de uma obra de reconstrução material, notável apesar dos defeitos que uma crítica esclarecida pode anotar — factos que registo e que me empenharei em fazer respeitar, ordenar e desenvolver — que compensam ou de qualquer forma atenuam o profundo abatimento político e moral em que o País caíu. *O que se constituiu nas coisas* perdeu-se, em escala infinitamente mais elevada, *nas almas, nos caracteres, na personalidade e nos sentimentos da população.* Demais, seria imperdoável, ou até impossível que no espaço de vinte e cinco longos anos, pouco ou nada se tivesse feito na ordem material, com os enormes recursos que o **intensivo esforço tributário exigido às forças vivas da Nação** pôs à disposição do Poder.

Porém, enquanto surgiam estradas e pontes, barragens e edifícios, monumentos e palácios a maioria da população ia perdendo, em proveito do prestígio exterior e dos interesses políticos ou materiais de uma minoria *constituida num partido único*, **as liberdades políticas mais elementares,** o sentido espontâneo de dignidade humana, a consciência cívica, o interesse pela causa pública, o sentimento das suas responsabilidades históricas, a camaradagem moral, o direito e a possibilidade de recurso contra a injustiça política ou social — e aproximava-se da passividade medrosa e abulica das populações talhadas para o totalitarismo. Neste vácuo de almas e carácter, na depressão moral imposta por uma força poderosamente organizada e activa — eliminada toda a fiscalização efectiva, **protegidos a irresponsabilidade e o livre arbítrio,** instituído como norma corrente o recurso às leis de excepção, *amparada a mediocridade e a subserviência ao poder*, e, ainda para cúmulo, organizado um sistema de propaganda destinada a ocultar a fisionomia dos verdadeiros métodos e factos — a moralidade de Administração não podia deixar de subverter-se. E a corrupção, instalada nos costumes, obscureceu e denegriu as próprias virtudes que a situação poderia invocar e proclamar em sua defesa.

Apesar da Censura, dos silêncios profundos em torno dos acontecimentos graves de moralidade administrativa ou governativa, «das versões oficiais» dos factos, das moções purificadoras da Assembeia Nacional, enfim, de todo um sistema organizado para defender, por ocultação ou deformação, um falso prestígio de autoridade, não escaparam ao conhecimento e à reprovação geral do País, nem a corrupção, nem os cuidados havidos para a ocultar. No *Diário das Sessões* da Assembleia Nacional, há todo um libelo sem seguimento político, judicial ou administrativo, senão contra os indivíduos que, corajosamente, o formularam. Ficaram, por exemplo, sem consequências morais ou moralizadoras, o inquérito aos organismos corporativos, as graves acusações publicamente apresentadas contra a administração de Angola, os reparos feitos à distribuição maciça de lugares em Bancos e Sociedades Anónimas a apaniguados do Partido Único em recompensa de serviços políticos, a reprovação geral pela prosperidade financeira, alcançada por muitos dos marechais e agentes de Partido, etc., etc., — tantos pecados e erros, sem punição, sem correcções, sem arrepios, opostos às dificuldades e carência económica da maioria da população.

Não é este o lugar, nem o momento oportuno para organizar, com cópia de factos, o processo de um estado de coisas que demonstra a gravidade da doença moral e espiritual que ameaça o País. Anoto, apenas a realidade da própria doença com alguns factos que não consentem dúvidas acerca da sua profundidade e que fàcilmente lembram tantos outros trazidos, por projecções inevitáveis, ao conhecimento do público.

O País está doente.

E' nosso dever despertar as suas energias seculares, excitar as suas virtudes eternas, recompor a sua personalidade histórica, refazer a sua consciência cívica —e salvá-lo.

O País responderá prontamente, como prontamente respondeu, em todas as crises que durante oito séculos atravessou, como respondeu em Genebra em 1928, pela voz do general Ivens Ferraz, ao ultraje que pretendia considerá-lo Nação insolvente.

O poder gasta os homens e os métodos, confessou o sr. Presidente do Conselho, num dos seus últimos discurso.

E gastou-os, de facto.

O grande erro do Poder, durante estes vinte e cinco anos, foi ter constituído um Partido Único, ortodoxo e minotário, fechando todas as possibilidades de renovação e de livre revelação de valores, que assegurariam, com inteireza moral, a obra de renovação total que o Movimento de 28 de Maio trazia no seu programa.

Pretendemos salvar o País, promovendo essa renovação pelos únicos meios em que ele é possível. E assim o Poder não cairá na rua, como tanto receava o sr. Presidente do Conselho em certo momento crítico para a vida do regime.

Porque diz ainda o sr. Almirante aceitar como mandato imperativo a fórmula *Tudo pela Nação, nada contra a Nação*, mas, evidentemente, como quem se dispõe a cumprir e compreende que as fórmulas programáticas são mais alguma coisa que simples pregões de propaganda.

Quanto a nós, conservamos igualmente o mesmo posto como há bem pouco ainda escrevemos nestas colunas:

Quem dirige *O Democrata tem servido a politica, mas dela nunca se serviu para viver.*

Entenda-nos quem quizer...

Pompeu Alvarenga

De ha muito que era esperado o desenlace que na segunda-feira se verificou pouco depois das 21 horas.

A doença do filho único, que tantos cuidados lhe dera e o mortificara para ver se o salvava, havia de o arrastar também, não obstante a forte constituição que a sua robustez aparente, como se viu, no-lo demonstrou.

Pompeu Alvarenga já não é do número dos vivos.

Com ele desapareceu um aveirense prestimoso, um aveirense que elevou, pelo seu espírito de iniciativa, a terra onde nasceu, adquirindo simpatias sem conta no tempo em que, como um dos mais antigos sócios do *Club dos Galitos*, lançava ideias e fazia projectos de festas de espavento e grande projecção.

Foi dos mais entusiastas organizadores dos grupos cénicos e cimentou de tal maneira a amisade entre Aveiro e Viana do Castelo que ainda hoje são lembradas as visitas que se trocaram cheias de entusiasmo entre a população das duas cidades do Lima e do Vouga.

No *Democrata* fica exarado minuciosamente tudo quanto se passou de há 40 anos a esta parte pois não só o espaço é exiguo para o relato, como a perda de mais este bom amigo de infância nos abstrai do muito que nesta hora triste dele poderíamos dizer.

Que descanse em paz quem tanto sofreu. E à desolada esposa e irmã do pranteado extinto, sr.as D. Virgínia Serrão Alvarenga e D. Adélia Alvarenga, aqui deixamos bem expresso o sentimento com que recebemos na manhã de terça-feira a notícia que, embora esperada, tanto nos chocou.

* * *

O funeral efectuou-se de tarde para o cemitério central, onde a urna com os restos mortais de Pompeu Alvarenga, que tendo 68 anos, ficou depositada em jazigo de familia.

Tomaram parte os funcionários que com ele trabalhavam na Junta Autónoma do Porto, a Direcção do *Club dos Galitos* e vários amigos dedicados, representando o administrador do *Democrata*, o jornalista de Viana do Castelo, Severino Costa.

Também enviamos para a África aos sobrinhos o nosso cartão de pêsames.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Aveiro arqueológico, artístico e monumental

OS TÚMULOS

VII

Pelo Dr. Alberto Souto

Os outros túmulos artísticos existentes intra-muros e dignos de atenção pela sua monumentalidade, são, como já disse, o de D. Brites de Lara e Menezes na igreja do Carmo e os de Santa Joana e do Duque D. Gabriel de Lencastre no Panteon de Jesus, no Museu Regional.

Como o do bispo de Miranda na Vista-Alegre, pertencem ao ciclo da arte barróca, posterior na cronologia artística e geral, como é sabido, ao ciclo da Renascença. São seiscentistas e setecentistas ou sejam dos séculos XVII e XVIII.

Como já nos ocupámos de uma obra renascentista—o túmulo de D. Catarina de Ataíde, do terceiro quartel do século XVI,—continuaremos na observação dos monumentos do mesmo estilo e do mesmo século, preferindo este critério expositivo de agrupamento cíclico ao do mero agrupamento local e de ordem turística.

Trataremos, pois, agora, dos outros monumentos funebres do Renascimento e começaremos pelo que mais perto fica da cidade e dentro do distrito—o Panteon dos Lemos, na Trofa do Vouga.

Muito à mão e muito acessivel, a dois passos de Aveiro e das vilas de Albergaria e Agueda, pois dista apenas 15 quilómetros de Aveiro, dez de Albergaria-a-Velha e cinco de Agueda a cujo concelho pertence, (e estas distancias hoje não são nada) o Panteon dos Lemos é pouco menos que ignorado da grande maioria das chamadas pessoas lidas e cultas dos meios locais.

Confrangem as declarações que a tal respeito me teem sido feitas por muitos dos nossos diplomados e por muitas das figuras de tal ou qual representação do nosso distrito e vizinhanças.

Não podia passar adiante sem o dizer, criticar e lamentar. E já não falo da insciência em que permanece o povo acerca deste e de outros valores históricos e artísticos que se encontram na terra que habita. A ignorância do nosso povo está cada vez mais antipática e menos desculpável desde que, ultimamente, o nosso indígena se eivou de impertinente petulância e de arrogante má criação, tristemente notórias.

Mas devemos reconhecer que a ignorância e má criação do povo, tendo por base a inata boçalidade, são um reflexo da leviandade social e da inconsciência das classes mais ricas e mais instruídas e, principalmente, dos defeitos da educação e da escolaridade oficiais e oficiosas.

O povo não tem capacidade para aprender nem para se educar por si; tem de ser ensinado e tem de ser educado.

Porém, os diplomados e os lidos, esses podem cultivar-se por si próprios e teem menos desculpa quando abandonam a sua formação mental post-escolar a ponto de ignorarem por completo a existência ou o valor cultural dos verdadeiros monumentos que existam na sua região e que dando-lhe lustre e honra, são e po-

dem ser admiração e atracção de estranhos com interesse moral e material para a terra e para o País.

A triste verdade é que o Panteon dos Lemos, que é um monumento de grande beleza e alta delicadeza plásticas, é quase que desconhecido entre nós e tanto assim que, sendo visitado por alguns passantes cultos, raras vezes o é pelos conterrâneos do distrito e da Beira-Mar confinante.

Cabe à capital do distrito e às vilas visinhas certa responsabilidade nesta insciencia.

Se a mentalidade regional desconhece um monumento destes e o não toma na devida consideração e o não faz valer, como é que os visitantes, ou sejam os turistas, o hão-de marcar nos objectivos das suas digressões?

Temos de reconhecer que não só tem andado muito apoucados o gosto e o conhecimento dos valores artísticos que possuímos e de que nos devíamos desvanecer, mas também que há na nossa cultura regional, e mesmo nacional, falhas verdadeiramente desconcertantes que é preciso atalhar.

Pelo aspecto turístico a ignorância do merecimento de obras de arte como esta, desautorisa a propaganda, porque propaganda e organização turísticas sem conhecimento, explicação e indicação dos valores regionais de tal categoria, tornam-se tão ridículas e desatendidas como os alardes da prosápia na bôca dos nescios.

Pela minha parte luto há quarenta e tantos anos contra algumas das falhas do conhecimento dos nossos valores físicos e morais, tendo-me sempre esforçado por dar ao nosso regionalismo e ao nosso bairrismo uma consciencia regional e uma consciencia local que vão para além do vulgar e ingénuo apêgo ao berço.

Não basta dizer que se ama a terra em que se nasceu; é preciso conhecê-la nos seus merecimentos, nas suas aptidões, nos seus recursos e, até, nos seus defeitos e insuficiencias, para a honrar, servir, corrigir e valorizar. Sem isso o civismo pátrio não passa de um orgulho balofo e patrioteiro.

A consciencia regional, como a consciencia local, como a própria consciencia nacional, isto é, a consciencia pátria, precisam de conteúdo. No caso da consciencia regional e local, o conteúdo tem de ser o conhecimento dos valores regionais e locais no sentido geográfico, histórico, económico, moral, e social com a respectiva propugnação pela conservação do que é bom e pela criação do melhor que for possível.

Como obreiro já encanecido em tal cruzada, digo daqui aos meus conterrâneos para que o saibam e o possam comunicar aos visitantes e aos estranhos: é necessário conhecer a Trofa, porque temos ali um verdadeiro tesouro de Arte. E' preciso conhecer a Arte na Região, porque a há e de bom quilate, embora dispersa por lugares humildes e com exteriores vulgares ou anodinos.

A Trofa é um dos mais ricos espolios que o passado nos legou nos domínios da tumulária e que seria motivo de ufania e disvêlo para qualquer povo mesmo mais rico do que nós, que prezasse a sua história e a sua civilização.

Não menosprezemos nem mostremos desconhecer riquezas destas insisto, e introduza-se no sistema da nossa cultura o respectivo conhecimento e a consciencia do seu valor. Não perderão o tempo os automobilisados que ali pararem os seus carros, nem os professores que ali entrarem com as suas excursões escolares; tão pouco os passeantes de longe ou mesmo da estranja.

O Panteon dos Lemos, embora ocupando pouco espaço e formando pouco volume, é, repito, um dos monumentos mais expressivos que a Renascença deixou em Portugal e, no seu género, notável mesmo em toda a Europa.

Não há, pois, o direito de o ignorar na própria região em que ele existe.

Cabe-lhe, agora, a vez nestes artigos que continuam a ser um contributo para a difusão de alguns conhecimentos desta ordem na mentalidade regional.

O papel

Cada vez se acentua mais a sua falta para os jornais, pelo que se mostram aflitas as emprêsas, não atinando, de momento, com a resolução do grave problema. No entretanto o preço atinge alturas astronómicas, levando os industriais a lançarem-se à doida na busca de «ersatz».

Ainda nos faltava mais esta.

A nós e àqueles que, como nós, se entregaram ao jornalismo sem interesse.

Estamos arranjados.

Festa Nacional

E' hoje um grande dia na França. Celebra-se a Tomada da Bastilha, o que leva todo o povo a manifestar-se com ruído e alegria.

14 de Julho!

Data histórica que jámais será esquecida.

A Ponte da Barra

Tem dado origem aos mais variados comentários o facto de ter arriado na semana pretérita quando por ela passava uma camionete de carga.

Nesta época em que as praias do Farol e Costa Nova começam a movimentar-se, mais se avolumam, portanto, os prejuizos que causa o transito interrompido, não só ao comércio como também aos banhistas que as frequentam e ao turismo, devido às excursões que, vindo a Aveiro, era costume visitá-las.

Por tudo impõe-se que sejam tomadas imediatas providências.

O TEMPO

Na primeira quinzena do mês de Julho também houve frio a ponto de se verem na rua os transeuntes de sobretudo vestidos.

Uma modificação completa do planeta.

IMPRENSA

O Desforço

Por morte do antigo director deste semanário republicano de Fafe, o nosso presado e dilecto amigo, Artur Pinto Bastos, acaba de o substituir nesse posto de grandes responsabilidades, um dos filhos, sr. Américo Pinto Bastos, que tem o curso de Radiotelegrafista Mercante e agora vem exercer uma missão completamente diferente, além de espinhosa, aquela a que se dedicou desde muito novo, o seu saudoso progenitor que trabalhou toda a vida, sofreu desgostos e amarguras, morrendo pobre.

Oxalá *O Desforço*, a prosseguir, o faça sob os melhores auspícios.

Diário do Norte

A edição de quarta-feira deste jornal da tarde, que se publica no Porto, saíu com 32 páginas, dedicadas, quase todas, à Sociedade Nacional de Petróleos (Sonap).

E' um grande número, o que prova navegar em maré de rosas.

O meu Enxoval

Desta revista feminina deveras interessante, saiu o n.º 5 para a qual chamamos a atenção das nossas leitoras.

Sessões de propaganda

—o—

A Comissão Distrital da União Nacional, que o assina, distinguiu-nos com um convite para assistirmos à sessão de propaganda da candidatura do sr. General Craveiro Lopes à Presidência da República, que hoje se realiza no Teatro Aveirense.

Agradecemos.

* * *

Para a próxima segunda-feira está marcada outra da candidatura do sr. Almirante Quintão Meireles, no Cine-Teatro Avenida, devendo usarem da palavra, entre outros, alguns oradores, vindos de Lisboa.

Principiará às 21 horas e a entrada será feita por meio de cartões.

Combóios

—o—

Não há forma da C. P. se resolver a melhorar o serviço de combóios desta cidade para o sul, como se impõe.

Principalmente do lado da tarde, ou seja por volta das 19 horas é que se faz sentir a falta dum combóio, como já aqui temos referido e que muito beneficiaria a vasta região da Bairrada.

Chegou-se a falar numa automotora, mas até à data nada de novo.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Novo engenheiro

Concluiu com distinção o curso de Engenharia, no Porto, o aplicado estudante Armando Alvim de Matos, que foi dispensado das provas orais.

O novo diplomado é filho da professora sr.ª D. Lucinda Alvim de Matos e de seu marido o sr. tenente Joaquim de Matos, residente em Ermezinde.

As nossas felicitações.

As marinhas

Afigura-se-nos que não deve ser grande este ano a produção de sal na nossa região, devido ao tempo as prejudicar.

Em todo o caso vamos a ver o que sai.

A Bandeira Nacional

Não faz sentido que apareça em ornamentações de ruas, como ainda há pouco sucedeu na dos Combatentes da Grande Guerra, visto o que está decretado ser para se cumprir.

Só isto.

Marinha mercante

No próximo dia 21 será lançado à água pelos *Estaleiros São Jacinto* um novo navio-motor, em aço, de 1.700 toneladas, propriedade da *Emprêsa Continental de Navegação*, desta cidade, e que se destina ao transporte marítimo.

E' a terceira e maior unidade metálica de longo curso construída na Ria de Aveiro no espaço de cinco anos, sendo as outras duas, o *Caramulo* e o *Nereus*, de 500 toneladas de carga cada uma.

O novo barco denomina-se *Dione* e deve carregar 1.100 toneladas, tendo já fretes tomados para o tráfego nacional e estrangeiro no Mediterrâneo até Novembro.

Como se trata de um acontecimento marcante na nossa indústria de construção naval metálica e nos domínios da nossa marinha de comércio, o acto será revestido de solenidade.

"Dia Olímpico,,

—o—

Realizaram-se no domingo as regatas organizadas pela Secção Náutica do Club dos Galitos que atraíu ao canal da Gafanha-Pirâmedes numeroso público, sendo disputadas várias taças.

O espaço de que dispomos é diminuto, limitando-nos por isso a dar os resultados das provas de remo, que são os seguintes:

Na de *shell de 4* (séniors) ganhou o *Caminhense;* na de 8 (júniors) o *Ginásio Club Figueirense;* na de *skiff* (séniors), os *Galitos;* na de *yolles de 4* (Moçidade) o *Centro de Viana;* na de *yolles de 4* (séniors) o *G. C. Figueirense;* na de *shell de 4* (júniores) os *Galitos;* e na de *shell de 8* (séniors) também os *Galitos.*

A organização, segundo se diz, parece que teve deficiências, terminando as provas depois das 21 horas.

A nortada que soprou foi rija demais.

Excursão de Guimarães

—o—

Deve-nos visitar no dia 29 o grupo *Alma Vimaranense*, organisado e dirigidopelo sr. António H. de Oliveira e Silva e que ficará para o dia seguinte, segundo o programa que temos presente e ao qual nos referiremos mais de espaço.

Conta ir à Barra, Costa Nova e S. Jacinto, sendo recebido nos clubes da terra festivamente, segundo informação que temos.

O trajecto é feito em camionetes e pelo entusiasmo que nos dizem existir entre o grupo, supomos que não se há-de arrepender da viagem a Aveiro, também conhecida por raínha do Vouga.

Benemerência

Esteve ante-ontem na cidade a sr.ª D. Maria Julia de Oliveira, mãe do nosso assinante Samuel da Silva Pereira, que reside em Lisboa, e a quem agradecemos 20$00 para os pobres protegidos do *Democrata*.

Entraram no mealheiro destinados à próxima distribuição.

1.º Centenário do Liceu de Aveiro

A Comissão Executiva das comemorações pede-nos lembremos aos antigos alunos residentes em Aveiro e nos concelhos limitrofes, que desejem inscrever-se para o anunciado sarau e banquete e queiram adquirir o «Livro Comemorativo», a conveniência, a bem dos serviços, de fazerem a sua inscrição até o dia 31 do corrente; e mais uma vez agradece a cedência de fotografias, turmas académicos *anteriores a 1916*, caricaturas de alunos ou professores, obras que tenham publicado, etc., afim de se enriquecer o mais possível a exposição bibliográfica e fotográfica, que constituirá sem dúvida um dos mais sugestivos números do programa das festas.

C A R T A Z

Cine-Teatro Avenida

PROGRAMA

Domingo, 15 (às 21,30 h.)

Que Deus me perdôe

Quinta-feira, 19 (às 21,30 h.)

O Esplendor Selvagem e Estrelas do Eter

Em 22 e 23:

Don Juan

Brevemente:

O meu guarda costas

Teatro Aveirense

PROGRAMA

Domingo, 15 (às 21,30 h.)

A Tia Milionária

Terça-feira, 17 (às 21,30 h.)

A Vénus da Praia

Em 21:

A Voz da Consciência

Brevemente:

As 7 Mulheres de Ali

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Rui Vieira da Costa, ausente em Luanda (Angola); amanhã, a sr.ª D. Luciana Ribeiro de Castro Ramos, da Confeitaria Avenida; *a menina Maria Regina da Silva Carvalho, interessante filha do sr. Fernão de Carvalho e os srs. João Marques, sócio dos* Armazéns de Aveiro, L.da, *e Manuel Morais, filho do activo comerciante sr. Alvaro Morais; no dia 17, o nosso amigo sr. capitão António Pedro Carretas, residente em Campo de Besteiros, o sr. Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa, e o menino Manuel Simões Sardo, filho do sr. Manuel Sardo; em 18, a sr.ª D. Adélia Ferreira Fernandes, esposa do sr. tenente Diamantino Fernandes, comandante da Secção da Guarda N. Republicana da Louzã, e o sr. Luís G. da Costa, da* Chapelaria Costa; *em 19, a esposa do negociante sr. Viriato Patrício do Bem, o académico Carlos Mauuel de Sousa, filho do sr. Manuel da Cruz e Sousa, empregado no Banco Regional, e a nossa ilustre conterrânea sr.ª D. Gabriela de Melo Rebelo, actualmente em Espinho, e em 20, a sr.ª D. Josefina de Azevedo Carvalho, esposa do sr. José Maria dos Santos Carvalho, residentes na capital.*

Praias e Termas

Está com a família na Costa Nova o nosso amigo Mário de Matos, empregado nos escritórios da Fábrica da Vista Alegre.

—Tendo regressado do Porto, onde esteve em tratamento, seguiu na quarta-feira para Melgaço a fazer a sua habitual cura de águas, o também nosso amigo António Madaíl, que se fez acompanhar da esposa.

Partidas e Chegadas

Encontrámos e foi-nos grato abraçar esta semana na cidade, o nosso antigo companheiro do liceu, dr. Artur Marques Figueira, que não víamos há muitos anos.

Pouco se demorou. Mas prometeu voltar em breve para recordarmos então o passado que tantas saudades deixou.

—Também estiveram nesta cidade os srs. Leodgário Augusto de Bastos, chefe dos escritórios de Via e Obras da C. P. no Barreiro, esposa e filho; Orlando Peixinho, pagador das O. Públicas em Viana do Castelo; João Simões Ferreira, escrivão de Direito em Estarreja; José Filipe de Carvalho, secretário de Finanças em S. João da Madeira; Luís Peixinho, residente em Lisboa; Narsélio F. de Sousa, fotógrafo em Caminha e a sr.ª D. Benedita Vieira de Carvalho, de Mira.

Doentes

Não tem passado bem de saúde o sr. eng. Seiça Neves, a quem desejamos completo restabelecimento.

—No Hospital de Santa Maria, do Porto, foi submetida a uma intervenção cirúrgica, que decorreu o melhor possível, a sr.ª D. Margarida de Sousa Lopes, nossa conterrânea.

—Regressou na terça-feira a Aveiro, encontrando-se agora em convalescença, o director do Banco Regional, Alfredo Esteves, que durante algumas semanas esteve internado nos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde sofreu operação.

Tem sido cumprimentado pelos seus numerosos amigos, que se regosijam com o êxito obtido.

Fátima em Aveiro

Lá ficou no domingo entronizada no Seminário que anda a ser construído nas proximidades do pequeno lugar de S. Tiago, como dissemos, a imagem peregrina que visitou a diocese e ali recebeu as ultimas homenagens, tendo-se registado grande movimento de gente de fóra, que assistiu à missa, no Parque, e depois, espalhada pela cidade, lhe imprimiu, durante o resto do dia, até à noite, um aspecto festivo.

Todos os combóios da C. P. despejaram na estação do caminho de ferro centenares de passageiros e os automóveis, camionetes, motos e bicicletas, não tiveram conta.

A parte comercial com permissão de se manter aberta deve ter feito um alto negócio, e isso contribue deveras para nos regosijarmos.

Atenção para a 4.ª página

O DEMOCRATA

devido ao escol de assinantes que possue, à sua expansão e ao interesse com que é recebido todas as semanas pelos seus numerosos leitores, chama-lhes a atenção para os anuncios que publica e fazem parte integrante do valor adquirido como jornal dos mais preferidos no nosso meio e adjacências.

NECROLOGIA

No bairro do Alboi, onde sempre viveu, acabou os seus dias, com 75 anos de idade, Manuel Nogueira da Costa, que era uma figura popularíssima e bastante curiosa.

Mais conhecido por *Manuel Cabreiro*, o seu cadáver esteve na capela dos Santos Mártires, de onde saíu o entêrro, na quarta-feira, para o cemitério sul.

A' família e em especial a sua filha e genro, nosso amigo Alberto de Oliveira Carvalho, Guarda-livros das fábricas Aleluia, as nossas condolências.

Correspondências

Costa do Valado, 8

Para comemorar o 3.° aniversário da constituição da sociedade que gira sob a firma *Mostardinha, Pereira & Silva, L.da* foi servido hoje, nas suas caves, ali em S. Bento, um almoço a que assistiram pessoas íntimas e também alguns dos seus representantes.

Decorreu o repasto, que foi regado com vinhos da casa, num ambiente de alegria, havendo, no final, como é da praxe, brindes em que se salientaram os srs. professor Anacleto Pires Feroandes, João Nelas, António Nelas e João Micallef Nelas, de Viseu, e J. Ribeiro, do Porto. Salientaram os progressos que se teem operado até à data; a harmonia existente entre a sociedade e a qualidade dos produtos que ali se fabricam, sendo envolvidos em manifestações de regosijo José Marques Mostardinha e António Martins Pereira, que comularam de atenções os seus convidados no número dos quais nos incluímos.

Para remate desta referencia, fazemos votos por que os vinhos das Caves Mostardinha continuem a ter procura no mercado, pois é sinal de que são devidamente apreciados.

C.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,21 (correio)	0,51 (correio)
6,05 (tram.)	7,32 (ónibus)
6,48 (mixto)	10,21 (rápido) [1]
8,20 (tram.)	10,29 (correio)
11,14 (tram.)	11,48 (semi-dir.)
12,26 (rápido)	15,39 (ónibus)
12,45 (tram.)	19,42 (rápido)
15,44 (tram.)	21,55 (mixto)
17,46 (semi-dir)	Do Porto chegam
17,55 (tram.)	tram. às 11,32, 17,37,
21,01 (correio)	19,08 e 20,44 que
22,57 (rápido) [1]	não seguem.

(1) Só se efectuam às terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,50	7,24
10,23 auto-m.	8,15 auto-m.
12,50 »	10,46
15,50	12,38 auto-m.
17,15 auto-m.	17,02 »
17,55	19,26
19,50	23,15

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Por este se anuncia que no dia 28 de Julho próximo, por 12 horas, no Tribunal Judicial da comarca, se há-de proceder a arrematação em hasta pública dos prédios a seguir designados e pelo maior preço que fôr oferecido acima dos valores respectivamente indicados, com a sisa por inteiro a cargo do arrematante:

PRÉDIOS

Casa de primeiro andar, com quintal, lojas, currais, e demais pertenças e direitos, no lugar da Forca, freguesia da Vera Cruz, desta cidade, que vai à praça em 15.820$00.

Um quintal murado, no mesmo lugar e freguesia, que vai à praça em 4.364$80.

Estes prédios pertencem a Cecília Lopes Morgado de Oliveira, viuva, e a Arminda Lopes de Oliveira, aquela moradora na Forca e esta no Bairro do Vouga, desta cidade em comum e partes iguais e vão à praça por não terem divisão e não serem adjudicados, nos autos de divisão de coisa comum que aquela Arminda requereu contra a referida Cecília.

Aveiro, 30 de Julho de 1951.

Veritiquei:

O Juiz de Direito,

José Luís de Almeida

O Chefe da Secção,

Fernando da Rocha Pereira

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Fa-se público que pelo 2.° Juizo de Direito da comarca de Aveiro e 1.ª secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução sumária que Mário Ferreira Senos, casado, funcionário corporativo, de Aveiro, move contra Manuel da Rocha Hipólito, casado, comerciante, de Sanchequins, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os crèdores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Aveiro, 27 de Junho de 1951

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

José Luís de Almeida

O chefe da 1.ª secção,

Fernando da Rocha Pereira

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.